

UBUNTU

A close-up photograph of a woman's face and her right hand. She has dark hair and is looking towards the camera. Her hand is raised, showing intricate henna designs. The palm features a large, circular sunburst-like pattern. The fingers are decorated with detailed, geometric and floral motifs. Her forearm also has several bands of henna, including a wide one with a scalloped edge and another with a repeating geometric pattern. The background is a solid, dark grey.

O relato da mulher que viajou o mundo em missões voluntárias em busca de um significado de humanidade.

JOANA GAMILLSCHEG

À Vânia Casedey, que mesmo se preocupando a cada destino se eu voltaria viva, me incentivou na busca pelo propósito pessoal. A ela, meu porto seguro, dedico este livro.

Um agradecimento especial aos queridos amigos e revisores deste livro:

Leandra Cunha Lima, advogada e membra da organização Fraternidade Sem Fronteiras, com centenas de experiências inspiradoras no âmbito social.

Maria Beatriz Leão, uma historiadora dedicada à educação brasileira, fomentando brilhantemente o pensamento crítico dos jovens como base para a construção de um mundo melhor.

Pablo Ribeiro, um jornalista à frente do seu tempo. Visionário, ético e profundamente humano, sobretudo.

SUMÁRIO

Prólogo	09
Casulo apertado	15
África do Sul	55
Tanzânia	75
Quênia	97
Jordânia	133
Índia	157
Nepal	187
Sri Lanka	219
Vietnã	243
Indonésia	279
Conclusão	303
Epílogo	313
Referências	324

PRÓLOGO

“Antes de julgar a minha vida ou o meu caráter, calce os meus sapatos e percorra o caminho que eu percorri, viva as minhas tristezas, as minhas dúvidas e as minhas alegrias. Percorra os anos que eu percorri, tropece onde eu tropecei e levante-se assim como eu fiz. E então, só aí poderás julgar. Cada um tem a sua própria história. Não compare a sua vida com a dos outros. Você não sabe como foi o caminho que eles tiveram que trilhar na vida.”

Clarice Lispector

— Senhora, o café vai esfriar — disse a atendente da cafeteria, me observando perdida em pensamentos e tilintando a colher sobre a xícara. O Centro do Rio de Janeiro é um fervor, no horário de almoço, com executivos apressados de um lado para outro, restaurantes movimentados, celulares tocando, e-mails sendo respondidos, trânsito caótico e buzinas orquestrando a correria urbana. É necessária uma boa dosagem de serenidade para não deixar-se estressar pelo alvoroço do meio-dia, no coração corporativo da cidade.

Já passava das 13 horas, quando eu buscava refúgio numa simpática livraria na Avenida Rio Branco. Silencioso e aconchegante, o local era um oásis no entroncamento das duas principais vias do Centro, tendo no térreo uma gama imensa de livros divididos por setores e um mezanino com uma cafeteria. Eu já não podia mais beber café, devido a uma forte esofagite que me acometia há anos, mas quando os dias não fluíam bem, não abria mão de sentar na livraria, pedir um *cappuccino* e me entregar aos pensamentos, enquanto misturava lentamente o açúcar com a colher.

Muitas coisas haviam acontecido no último ano e eu precisava de um tempo só para mim, um intervalo para colocar

as ideias em ordem e absorver toda a dor que estava sentindo. Contudo, quanto mais essa necessidade pulsava no peito, mais distante a oportunidade parecia estar. Eu já não via mais propósito no trabalho que exercia e o ambiente repleto de avareza e ganância fazia-me querer fugir e não mais voltar para o turno da tarde. Assim eram quase todos os dias. Pedir a conta e retornar para o escritório caracterizava o momento mais difícil. Eu estava farta da pressão diária, desejava apenas permanecer imersa naquele oásis de histórias, com cheirinho de café fresco, pensando na vida e para onde ela estava me levando.

A alta rotatividade da cafeteria era algo que não me distraía, entretanto observava com curiosidade certas senhoras bem vestidas e solitárias que, no início da tarde, sentavam para beber algo quente. Existe certo mistério na solidão, ela nos torna mais íntimos de nós mesmos, criando um laço invisível que nos afasta das interferências externas. Talvez eu fosse uma dessas pessoas solitárias, que tanto observava e alguém, porventura, se perguntasse quem era aquela mulher de quase trinta anos que mal tocava no café e, todas as tardes, perdia-se em pensamentos na livraria. Talvez tenha sido em um desses dias que minha vida mudou completamente, tomando um rumo que jamais poderia imaginar.

Convido você a viajar comigo por dez países em atuações sociais e percorrer anos de questionamentos e descobertas sobre os verdadeiros significados de humanidade. Nesse livro, enalteço conquistas e perdas, acertos e erros dessa odisseia voluntária. É um retrato da realidade vulnerável e perfeitamente imperfeita que nos torna humanos. Cada parágrafo, contém o meu ponto de vista que foi modelado por vivências pessoais e em momentos específicos. Deste modo, não caracterizam verdades únicas e imutáveis.

Desejo que você faça uma ótima jornada por cada uma dessas páginas que foram escritas sob condições diversas e extremas, em três continentes. Juntos somos mais fortes e capazes de transformar o mundo.

*You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you will join us
And the world will be as one¹.*

¹ Letra da canção *Imagine*, composta por John Lennon, 1971, em tradução livre: “Você pode dizer que eu sou um sonhador / Mas eu não sou o único / Eu espero que um dia você junte-se a nós / E o mundo será como um só.”



CASULO APERTADO

“Seja a mudança que você quer ver no mundo.”

Mahatma Gandhi

Quando a tempestade cessou, pedalei o mais rápido que pude até uma parte remota da ilha. O forte trovão que causara pânico, deixando as ruas desertas e fazendo com que os banhistas buscassem abrigo no entorno, era o chamado para uma conversa que me aguardava desde que deixara o Brasil, há mais de oito meses. O temporal já estava longe, quando estacionei a bicicleta numa frondosa árvore e ajoelhei-me na areia em frente ao mar. As ondas avançavam sobre a praia, levando consigo as partes dilaceradas do meu peito, que a dor rasgara sem piedade. Sozinha, num país distante e cujo idioma nativo eu não compreendia, senti que era a hora de dar fim àquele sofrimento.

O choro embargado deu lugar a um grito que fez uma revoadada de pássaros deixar a ilha, rumo ao horizonte. A dor da imersão social em todos aqueles países iniciava o seu processo de transformação em algo verdadeiramente impactante. O peso das mazelas globais passava pela metamorfose da digestão das experiências para a conversão no engajamento de ações em prol da construção de realidades mais justas a nichos em vulnerabilidade. As lágrimas escorriam feito um rio, no meu rosto, e o mar já encobria minhas pernas. Respirei fundo, diante do último raio de Sol daquela tarde. Era chegado o grande momento.

O CASULO, 2015

O universo de *Real Estate* não fazia parte da minha vida, até então. Aliás, pouco sabia sobre todas as possibilidades de diretrizes do mercado imobiliário corporativo. Apesar da experiência profissional em grandes multinacionais, minha formação acadêmica havia percorrido outros âmbitos de atuação, como instituições de ensino e tecnologia. Em meados de dezembro, fui contratada para esse novo desafio de carreira, após um longo processo seletivo e há seis meses desempregada.

O cargo exigia alta responsabilidade por ser incumbido imediato das demandas do departamento de criação da filial no Rio de Janeiro, respaldando mensalmente à diretoria da empresa cuja sede localizava-se em São Paulo. Cabia a mim o contato direto com grandes clientes para os quais desenvolveria campanhas de marketing, visando comercializar seus imóveis com maior agilidade. A vertente institucional também era de responsabilidade do departamento e era necessário atingir os parâmetros de reconhecimento que as matrizes situadas nos Estados Unidos tinham como referência. Complementarmente, era função do cargo ser suporte a todos os demais setores da empresa que solicitassem materiais publicitários ou estratégias para enaltecer seus serviços perante o mercado. Reuniões em prédios suntuosos, apresentações convincentes e incontáveis trocas de cartões de visita passaram a fazer parte da minha nova rotina.

Existe um *glamour* estranho no meio corporativo. Andar pelas ruas trajando um terno bem alinhado, com uma pasta de couro embaixo do braço, respondendo e-mails pelo celular e vivendo a dizer que não tem tempo para nada, por alguma razão, faz com que as pessoas sintam-se importantes. Comigo não foi diferente. Quando me dei conta, estava trabalhando aos finais de semana, ingerindo mais café do que água para manter o cérebro

acordado e apostando em doses de álcool para dormir, quando a insônia avançava pela madrugada. Produtividade passou a ser palavra de ordem, independentemente de extrapolar os limites físicos ou mentais. Em meio a um ambiente de trabalho majoritariamente masculino, era necessário ir além do que se esperava de mim, precisava provar com desempenho que as mulheres deveriam ter mais oportunidades no setor. A luta era pelo coletivo, porém, solitária.

Numa dessas manhãs corridas, respondendo diversos e-mails ao mesmo tempo, recebi uma ligação. Meu pai havia falecido a caminho do trabalho. Um infarto fulminante o levou de mim, sem nem ao menos nos permitir uma despedida. De repente, todo o estresse rotineiro da última hora havia perdido completamente a importância. Incrédula, desliguei o telefone e saí sem nada dizer. O impacto da dor era grande demais para conseguir esboçar qualquer reação. Ele havia acabado de completar 60 anos e tinha a disposição física de um jovem, mas a amargura de uma grande perda adoecera seu coração oito anos antes.

O luto é um mal necessário a ser vivido. Somente por meio dele a dor é expelida do peito, paulatinamente. As feridas não se curam na mesma velocidade com que foram provocadas. Leva tempo e há de se ter paciência.

A perda é uma experiência única para cada ser humano, não há manual de como ser encarada. A única certeza é de que todos iremos enfrentá-la um dia. Há quem sinta uma tristeza profunda e remorso por não ter dito algo ou estado mais presente. Há os que encarem como um processo natural. E tem aqueles que experimentam um certo alívio pelo ente querido não mais carregar o peso de uma enfermidade. Independentemente de como se vivencie o luto, ele nos faz pensar sobre a volatilidade da vida. Da mesma forma como repensara meus caminhos na perda

de oito anos atrás, dessa vez, não foi diferente.

Durante o período da graduação, busquei aplicar todos os conhecimentos adquiridos no curso de Desenho Industrial em situações que pudessem fazer a diferença na realidade do mundo. Nunca tive interesse em produzir mesas, cadeiras e produtos para um mercado tão saturado e debruçado sobre a obsolescência perceptiva. A magia estava em utilizar as ferramentas a favor das necessidades globais. Por essa razão, desenvolvi meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) na elaboração de órteses para cães com lesões musculares. Ideia ousada que havia sido inspirada em um santuário tailandês que resgata elefantes do turismo inconsciente e os reabilita por meio da produção de próteses que substituem membros incapacitados ou de órteses que facilitam os movimentos.

O sonho de conhecer aquele local que tanto havia me inspirado sempre esteve latente, porém, em decorrência aos compromissos da vida, nunca tivera tempo de verdadeiramente cogitá-lo. Entretanto, após a perda do meu pai e da busca por respostas, comecei a considerar a possibilidade com maior veemência.

— Mas você vai usar suas férias do trabalho para limpar cocô de elefante? — foi o que mais ouvi quando finalmente comprei as passagens rumo ao santuário tailandês.

O desconhecimento acerca dos trabalhos sociais fazia com que muitas pessoas proferissem críticas, sem entender meu propósito para com aquela viagem. Ser voluntária no projeto que tanto havia somado à minha formação acadêmica era uma forma de agradecimento e, ao mesmo tempo, ratificação do caminho que almejava seguir profissionalmente. Ambas as razões fortaleciam a decisão de utilizar as preciosas três semanas de recesso para ir “limpar cocô de elefante” e explicavam o porquê daquilo ser tão importante para mim.

O contato com o santuário deu-se por intermédio de uma

agência que estruturou a logística e muniu-me das informações necessárias para precaver quaisquer riscos envolvidos. O medo do desconhecido se contrapunha à percepção da efemeridade da vida. Se não realizasse aquele velho sonho agora, quando seria? Com uma mochila nas costas, embarquei para a Tailândia; por mim, pelo meu pai, pelos tantos sonhos que já havia deixado de lado.

TAILÂNDIA, 2016

Foram 34 horas de voo, com conexão em Adis Abeba, capital da Etiópia. A primeira viagem sozinha. A primeira vez na Ásia. A primeira experiência como voluntária no exterior. Um misto de ansiedade, medo e euforia tomavam conta de mim naquela longa jornada cruzando o Atlântico e o Índico. *“Mas você está viajando sozinha pelo país?”* – foi o que mais ouvi nos vinte e poucos dias conhecendo cinco cidades tailandesas. E, com imenso orgulho, dizia que sim, por mais estranhas que fossem as reações das pessoas que pareciam se perguntar se eu não tinha mãe.

As horas de conexão em Adis fez sentir-me em outro planeta. Eu não tinha acesso à internet, domínio do idioma falado e nem moeda local para comprar um refrigerante naquelas máquinas automáticas. O saguão do aeroporto estava lotado, sentei-me ao chão e comecei a escrever em um caderno em branco, que logo ganharia minhas primeiras impressões sobre o universo voluntário.

“4 de agosto de 2016, Etiópia. Hoje é o primeiro aniversário do meu pai em que não posso abraçá-lo ou dar parabéns. Será que ele sabe a falta que me faz e o quanto ainda o amo? Não consigo, porém, estar triste no dia de hoje. Sinto que estou iniciando uma grande odisseia e que essa viagem irá mudar a forma como enxergo o mundo. Gosto das cores, cheiros e energias deste lugar. É

tudo tão diferente, percebo que me olham como uma estranha no ninho, alguém que talvez pareça perdida, mas querendo se encontrar. Quem sabe, no próximo ano, a conexão aérea não torna-se o destino final?”

Desembarquei em Bangkok fascinada pela grandiosidade do Aeroporto Internacional de Suvarnabhumi, um dos principais centros aéreos da Ásia. Nele, há cerca de 60 portões de embarque e estima-se que passem mais de 120 milhões de passageiros por ano. Moderno e imponente, o aeroporto por si só já dá as boas-vindas em grande estilo.

Apesar das filas intermináveis na imigração e controle de saúde, a felicidade não teimava em sair dos meus olhos que, ávidos, buscavam absorver todas as novidades e rostos diferentes que viam. Minha mala foi a última a ser posta na esteira, eu já estava angustiada e procurando onde relatar o extravio, quando a monstra roxa de 30 quilos apareceu desfilando sozinha pelo carrossel. Sem jeito, puxei-a para fora e segui para o desembarque, rumo à realização daquele grande sonho.

Bangkok é diferente de tudo o que havia visto. Grandiosa, veloz e repleta de gente apressada. As rodovias e viadutos pareciam convergir-se em um grande caos, mas, curiosamente, tudo fluía sob controle. Cheguei ao hotel sentindo-me confusa com tantas informações e faminta após horas em jejum. Apressei-me em um banho rápido e logo saí para jantar. Chovia torrencialmente e nenhum veículo parava na porta do hotel. Tirei um mapa do bolso e fui andando em direção ao metrô que me deixaria próxima ao *Baiyoke Sky Hotel*, um arranha-céu com vista panorâmica da capital tailandesa. No meio do caminho, já estava encharcada devido à chuva, o que me fez parar sob uma marquise, onde uma mulher tentava chamar um táxi. Gesticulei, tentando dizer que estava impossível conseguir e ela esclareceu que estava aguardando um carro por meio de um aplicativo, per-

guntando-me se queria carona. Sorri, me dando conta de que deveria estar aparentando ser uma estrangeira acuada e perdida, naquela cidade imensa. O carro deixou-me na estação de metrô e a simpática moça deu-me o seu número para qualquer emergência em que viesse a precisar de ajuda. Havia começado a viagem com sorte, deparando-me com alguém tão gentil. Ao descer na estação próxima ao *Baiyoke*, optei por pegar um mototáxi, para não caminhar sozinha por ruas desconhecidas. A partir daí, foram dez minutos de pânico.

O motorista saiu na contramão pela rodovia, adentrando em um beco escuro e deserto. Eu estava apavorada, profundamente arrependida e certa de que aquilo não acabaria bem. Boca seca, sudorese e coração batendo acelerado. Após alguns minutos cortando ermas vielas, retornamos à avenida principal, onde meu destino resplandecia sob holofotes. Nunca tinha me sentido tão vulnerável. Bangkok não era para fracos. Ao subir até o 84º andar do prédio, todo o estresse foi esquecido, com a vista magnífica para a noite iluminada da cidade e um jantar deliciosamente farto. Minha alma nunca estivera tão feliz por estar, finalmente, realizando o sonho de conhecer a Tailândia, após ter encarado tempos tão difíceis.

Foram duas semanas excepcionais passeando pelo país. Em Bangkok e Ayutthaya, contei com a companhia de um guia, que explicava detalhadamente cada parte histórica dos locais visitados, entre um picolé e outro, para se refrescar sob o Sol de 40 °C. Da capital, Bangkok, ao litoral sul do país, conectei-me a algo profundo em cada templo budista e pôr do sol apreciado em Krabi, Phuket e Koh Phi Phi. Algo estava mudando, voltava a sentir-me em paz comigo mesma e com Deus.

Cheguei a Chiang Mai, ao norte do país, numa tarde de domingo, planejando descansar para levantar disposta no dia seguinte, quando o transporte do *Elephant Nature Park* (ENP)

me buscaria para iniciar o trabalho voluntário no santuário. Contudo, até o mais detalhado planejamento está suscetível a imprevistos. Contraí uma infecção alimentar que fez arrepender-me de cada garfada no prato de espaguete com champignon. A noite durou uma eternidade e, quando o tão aguardado dia amanheceu, eu mal tinha forças para sair da cama. O receio de ter viajado por mais de 17 mil quilômetros e não conhecer o local que havia inspirado meu TCC foi a catapulta para lançar-me de pé e aguardar a chegada do transporte, rumo ao projeto social.

Chegamos ao ENP pouco antes do meio-dia. Os carros enfileirados levavam consigo voluntários ávidos a terem uma experiência do turismo consciente, num país que tanto explora os animais. Ao desembarcarmos, fomos divididos em grupos e encaminhados às nossas acomodações. O quarto era simples, com paredes de barro, chão batido e mosquiteiros sobre duas camas. Teria como companheira de dormitório uma simpática americana, chamada Lauren, que estava trabalhando na Nova Zelândia há pouco mais de um ano.

Deixamos as malas sobre a cama e seguimos para um grande galpão, no qual receberíamos as instruções do local e das atividades diárias. O amplo ambiente logo foi tomado por rostos de distintas etnias que, mesmo em silêncio, demonstravam curiosidade por tudo o que estava por vir. As luzes do galpão apagaram-se e um vídeo começou a ser exibido, contando a história do projeto, a razão de sua existência e como se mantinha.

Há 5 mil anos, os elefantes vêm sendo domesticados a serviço da humanidade. No início do século 20, havia mais de 100 mil elefantes asiáticos na Tailândia; hoje, porém, a estimativa é entre 3 e 4 mil (o que representa 10% da quantidade global), sendo a metade domesticada e o restante habitando em reservas nacionais. Na capital, Bangkok, há cerca de 300 elefantes vivendo sob condições lastimáveis e fomentadas anualmente pelo turis-

mo inconsciente de um planeta que, a todo o momento, enaltece valores sustentáveis.

Diante dessa triste realidade, uma tailandesa militante dos direitos dos animais e da preservação ambiental, resolveu iniciar um movimento. Sangdean Lek Chailert fundou a organização em proteção aos animais no final dos anos 90. Desde então, é um santuário que abriga e trata elefantes resgatados dos maus-tratos provenientes das atividades exploratórias e atrações circenses. O projeto, situado na província de Mae Taeng, a cerca de 60 quilômetros da cidade de Chiang Mai, hoje conta com mais de 60 elefantes e diversos cães também recolhidos das ruas.

O vídeo transcorria com leveza até avançar para as explicações da necessidade imediata de projetos como aquele. As técnicas absurdamente cruéis de domesticação quebraram o silêncio dos voluntários, com choros tímidos e grunhidos de revolta. O conteúdo era realmente forte e fazia sangrar o coração daqueles que tinham o mínimo de sensibilidade e empatia para com os animais. Visando torná-los submissos, os elefantes são imobilizados, espancados, cegos e passam dias sem receber água e alimentos. Completamente debilitado, o animal é forçado a caminhar por estradas movimentadas, com turistas em suas costas, ou adquirir habilidades circenses para atrair curiosos. Sem receber os diários 200 quilos de comida e 100 litros de água necessários para a sua sobrevivência e, ainda em meio à poluição das ruas e longe de sua manada, a expectativa de vida, estimada em 70 anos de idade, cai drasticamente. Os filhotes, por sua vez, afastados das mães, são comumente levados para hotéis e complexos de entretenimento, vindo a óbito, com frequência, devido à má alimentação e depressão.

Ciente do seu papel de conscientização, o projeto não abria mão de mostrar todos os detalhes destes crimes ambientais, na tentativa de que, por meio das cenas chocantes, seus visitantes

perpetuem a necessidade de preservação das espécies. Após o término do vídeo, as luzes se acenderam e o silêncio voltou a dominar o ambiente. A fundadora, chamada por todos de Lek, entrou na sala e pôs-se a falar sobre o que havia sido exibido. Os voluntários, cujos rostos estavam tomados por lágrimas e expressões angustiadas, ouviam atentamente o que aquela mulher tão inspiradora e forte tinha a dizer, fazendo diversas perguntas que Lek respondia gentilmente e com carinho.

Já passava das 14 horas, quando fomos liberados para o almoço e o intervalo, antes de iniciarmos a primeira atividade voluntária. Todas as refeições eram vegetarianas, o que era condescizente com o princípio ambiental do projeto e, particularmente, uma grata surpresa para mim, que seguia uma dieta sem carne há anos. Todos os voluntários e funcionários do projeto almoçavam juntos, no mesmo galpão, com uma vista panorâmica para toda a extensão da fazenda. Após a refeição, eu ainda me sentia debilitada pela infecção alimentar, o que me fez retornar ao quarto para um breve cochilo, que se estendeu até o fim da tarde.

Acordei por volta das 17 horas, receosa por ter perdido a primeira atividade em grupo. Encaminhei-me para fora e logo identifiquei meu grupo alimentando e tendo os primeiros contatos com aqueles grandes mamíferos.

— O organismo, às vezes, pede um pouco mais de calma para adaptar-se, brasileira. Não tenha pressa em começar o trabalho se não estiver sentindo-se bem — disse o coordenador do grupo. Porém, confirmei que estava apta e logo me integrei aos demais.

Um dos aspectos mais interessantes em viajar como voluntário é a troca cultural estabelecida entre pessoas de diferentes países, mas com o mesmo propósito. O âmbito corporativo, no qual estava inserida há anos, proporcionava um *networking* fantástico, com profissionais gabaritados, de empresas renomadas,

contudo, nada se assemelha às conexões feitas com os voluntários ao redor do mundo. Finalmente, me identificava com um nicho de pessoas cujos assuntos eram interessantes e que me sentia honrada por nele estar. A sensação era de ter-me encontrado na vida, em termos pessoais e profissionais.

O dia seguinte amanheceu com uma brisa suave entrando pela janela do quarto e com os primeiros raios de Sol clareando meu rosto. Era dia 16 de agosto. Abri os olhos e me senti incrivelmente bem disposta, após uma longa noite de sono, recuperando-me da infecção alimentar. Sentei na cama e tudo o que se ouvia era o canto dos pássaros. Um sopro de vento abriu as cortinas, deixando a claridade iluminar a cama inteira. Respirei fundo e senti uma paz inexplicável, uma plenitude quase divina, lembrando-me que um novo ciclo iniciava-se: os 27 anos haviam chegado.

Aproveitei o momento para agradecer por tudo que vivera nessas quase três décadas, pensando com carinho no meu irmão e no papai. Uma lágrima escorreu, mas não era tristeza, era um sentimento que nunca soube explicar, uma certeza que de tão verdadeira e pura sobre algo transformador que começava naquela viagem fez meus olhos transbordarem. Levantei e comecei a me arrumar, quando Lauren quebrou o silêncio com um sonoro “feliz aniversário”.

Aquela terça-feira foi de trabalho árduo no santuário, passamos a manhã roçando a terra e plantando novas árvores em um descampado, onde os animais ficavam durante o dia. Os orientadores davam o exemplo e eram exigentes nas atividades. Existia uma maneira certa da enxada penetrar na terra e as mudas serem dispostas. No período da tarde, após o almoço, finalizamos o plantio e acompanhamos os elefantes para um banho no rio. Ainda que fosse inverno, o clima era quente e úmido, propício para refrescar-se nas águas.

A correnteza era forte, mas com pouca profundidade, de modo que podíamos entrar e, com pequenos baldes, lançar jatos de água sobre o topo das costas dos animais, que agradeciam gentilmente com o balançar das trombas. Eles costumam jogar terra sobre o corpo, como forma de se protegerem de insetos e queimaduras solares, enquanto se molhavam para reduzir a temperatura corporal, pois a pele, ainda que espessa, é extremamente sensível.

A noite chegou e nosso grupo reuniu-se para jantar. Era o primeiro ano em que passava o aniversário longe de casa. O ENP e aquelas pessoas incríveis estavam ressignificando minha vida e tornando, cada momento, uma experiência única.

Nos dias seguintes, ficamos incumbidos das tarefas costumeiras do projeto. Além do trato dos animais, havíamos de trabalhar na preservação da região. Os elefantes eram alimentados pela manhã com frutas e folhagens diversas que deveriam ser colhidas e depositadas em suas trombas. Grande parte dos animais era cega ou possuía alguma deficiência, provocada pela domesticação, que impossibilitava que buscassem pelo próprio alimento. Apesar de terem sofrido em mãos humanas e das limitações físicas nas quais foram condicionados, eram profundamente delicados no contato conosco.

Durante à tarde, os elefantes caminhavam pela fazenda, guiados pelos *mahouts*, com o intuito de manterem boas condições de saúde e adaptarem-se àquele espaço. A manada de fêmeas permanecia sempre unida, liderada pela matriarca e protegendo o pequeno filhote, com pouco mais de um ano de idade. Ao final do dia, os animais eram direcionados aos estábulos, onde dormiam e protegiam-se das chuvas que, frequentemente, caíam naquela época do ano.

Todos os grupos de voluntários realizavam as mesmas funções, porém, em dias distintos. Além alimentar os elefantes

e acompanhá-los nas caminhadas e banho de rio, as tarefas referentes à manutenção da fazenda eram de igual importância. Remover as fezes dos animais era um dos afazeres diários. O bolo fecal era totalmente neutro de cheiro e com formato parecido ao de uma bola de futebol, com terra e grama. Manter as áreas sempre limpas era fundamental para não haver a proliferação de insetos e doenças recorrentes da insalubridade. O trato da terra também ocupava nosso quadro de atividades por meio do plantio de árvores frutíferas, da colheita dos alimentos, fertilização do solo e expansão de áreas próximas às montanhas. Uma rotina pesada de trabalho, que se iniciava aos primeiros raios da manhã e terminava ao final do dia, com os banhos de rio.

Além da atuação no santuário, Lek dispunha os voluntários para trabalhos sociais em escolas públicas da região, cujo intuito era a troca cultural e conscientização ecológica. Fomos conhecer um dos colégios apoiados numa sexta-feira. O local era amplo, com um pátio imenso e crianças uniformizadas para todos os lados. Ao chegarmos, uma menininha segurou minha mão e levou-me a uma sala de aula. Ela não falava inglês e eu tampouco tailandês, mas descobri que existia um idioma universal transcendente aos conhecimentos idiomáticos: a língua do voluntariado que comunica-se através do amor e faz-se entender independentemente de etnias, idades ou credos.

A menininha de cabelos negros e sorriso largo sentou-se numa cadeira e indicou para que eu me sentasse à frente. Com um giz de cera, desenhou o mundo e nós duas de mãos dadas. Não perguntou meu nome e nem de onde vinha. Meu passado e quem eu era, a ela não interessavam, somente importava o compartilhamento do momento presente. Uma epifania tomou conta de mim, fazendo-me perceber a capacidade que temos de cocriar um planeta melhor junto às novas gerações.

Quando planejei voluntariar na Tailândia, o intuito era co-

nhecer o local que havia inspirado meu TCC e entender como o trabalho social poderia contribuir para a perpetuação dos elefantes asiáticos. Ingenuamente, pensava que os animais viviam alegres e gozando de plena liberdade no santuário, e que eu teria uma grande interação com eles. Entretanto, como marinheira de primeira viagem, esquecera-me de considerar suas realidades provenientes dos maus-tratos e grandes traumas perante o contato humano. Tanto que tinham medo de movimentos bruscos e sons altos, como vozes e gritos. Éramos instruídos a trabalhar e interagir com os elefantes de forma suave, evitando causar amedrontamento. Uma realidade diferente da que havia imaginado, porém, real e necessária diante do turismo inconsciente no país.

Era fim de tarde, após as tarefas diárias, quando Lauren e eu resolvemos caminhar, sem rumo, pelo santuário. Compartilhei com ela minha visão prévia sobre o projeto e como havia amadurecido com os dias de voluntariado. Ela partilhava da mesma impressão. Enquanto andávamos, conversando sobre a Tailândia e nossas vidas, observávamos visitantes chegando em grandes ônibus e percorrendo toda a fazenda para ver os elefantes de perto. Adultos falavam alto, crianças corriam e um grande burburinho formava-se, provocando um perceptível incômodo nos animais.

Os visitantes não tinham ciência das atrocidades sofridas pelos elefantes e o quão eram traumatizados, pois não haviam imergido na realidade e sido informados adequadamente. Todavia, Lauren e eu entendíamos a imensa sobrecarga do ENP em lidar com os animais, voluntários, funcionários, comunidades adjacentes e todas as questões internas que tomavam tempo e, por vezes, não permitiam disponibilidade para conscientizar os visitantes, cujas presenças eram necessárias em termos financeiros para manter o projeto em funcionamento.

O ideal para aqueles animais seria nunca terem sido ar-

rancados de seus habitats naturais para servir às atividades turísticas. Entretanto, como não é possível voltar no passado para reverter isso, o melhor dos cenários é viver no santuário, onde estão protegidos das maldades humanas e sendo criados de acordo com suas limitações. Devolvê-los à natureza, infelizmente, não era uma opção, pois poderiam ser novamente capturados e não estavam mais aptos a sobreviver de forma independente, em decorrência aos comprometimentos físicos e mentais.

Lek e sua equipe faziam o possível para que o ENP garantisse uma boa qualidade de vida aos animais, contribuísse para a preservação ambiental e ainda conscientizasse o mundo sobre a importância do turismo ético. Contudo, dificilmente haverá um cenário perfeito no universo social, pois as mazelas são diversas e dependem de fatores variados, como o apoio socioeconômico, político e cultural, além da capacitação de profissionais e voluntários.

Ainda que com diversas arestas a aparar, o ENP tinha o cuidado de não induzir visões superficiais acerca do turismo, caracterizando vilões e heróis na trama, pois compreensões maduras são pertinentes para transformações significativas. Julgar a postura dos *mahouts* e de famílias que sobrevivem do entretenimento animal, sem antes inteirar-se sobre suas realidades e ignorando a herança cultural, é também uma forma de inconsciência. É importante lembrar que são 5 mil anos de convivência entre os humanos e os elefantes, e que novas compreensões sobre as práticas de exploração devem ser tomadas de modo respeitoso à cultura local e ao tempo de absorção das mudanças.

Os últimos dias no projeto sucederam com a alegria costumeira, mas pairava no ar um sentimento de saudade prévia daquela experiência que estava chegando ao fim. No sábado, fomos colocados na caçamba de um pequeno caminhão para colhermos o milho na plantação externa ao santuário. Chovia

torrencialmente durante o percurso pela estrada, sentamo-nos o mais próximo possível para evitar com que a chuva molhasse nossos pertences e ficássemos com o corpo gelado. Havíamos nos tornado uma família, após uma convivência tão intensa e compartilhando propósitos similares.

Foi uma longa tarde no milharal, trabalhando na colheita de uma área que se perdia de vista. Retornamos ao ENP dividindo espaço na caçamba com as espigas, exaustos e molhados, porém profundamente felizes. Nossas vidas estavam sendo impactadas por aquela vivência e a única certeza é de que voltaríamos aos nossos países de origem completamente transformados.

A imersão junto aos animais havia proporcionado aprendizados significativos por meio da observação. Os elefantes amadurecem em faixas etárias semelhantes as do ser humano, com exceção da gravidez, que exige da aliá a paciência de aguardar entre 22 e 24 meses para o nascimento do filhote. Durante os primeiros anos, o pequeno elefante é dependente da manada, que o ensina lições valiosas de sobrevivência. O cuidado dele é responsabilidade de todos. A matriarca do grupo é escolhida pelo conhecimento das melhores áreas de alimentação e pela habilidade de liderança. Já os machos são mantidos na manada até atingirem cerca de 13 anos, quando são exilados junto aos outros machos, retornando apenas na época de acasalamento.

Quando em perigo, os elefantes formam um círculo em que os mais fortes protegem os mais fracos, sendo profundamente conectados entre si e demonstrando afeição com o cruzar das trombas. Sensíveis, possuem uma audição aguçada, capaz de ouvir a quilômetros de distância, comunicar-se por bramidos de diferentes frequências e com uma pele capaz de detectar o pousar de uma mosca. Muito temos a aprender com a grande sinergia e o cuidado que os elefantes demonstram uns pelos outros. A manada é como um ser único, sendo de responsabilidade coletiva

mantê-la viva.

Logo amanheceu o domingo de partida. Voluntários do mundo inteiro abraçavam-se como se tivessem partilhado uma vida inteira juntos. A falta de perspectiva sobre quando nos veríamos novamente tornava mais difícil o adeus. As vans enfileiradas buzonavam para apressar aqueles que não tinham pressa para deixar o local e se despedir dos colegas. Era a primeira vez que experimentava uma conexão humana tão intensa. Éramos um grupo de forte sintonia, que via no engajamento socioambiental o futuro do planeta.

A Tailândia era apenas o começo da jornada no universo voluntário, mas naquela época eu não imagina o quanto esse âmbito modificaria a minha vida. Desembarquei no aeroporto do Rio de Janeiro, após um longo voo de retorno, diretamente para o escritório, no Centro. Ao sentar em frente ao computador e retomar às atividades corporativas, percebi que algo havia mudado. As campanhas de marketing e todas as funções do cargo já não tinham a mesma relevância, assim como a vida que levava e as preocupações diárias. Uma ruptura interna havia acontecido, de forma serena, porém irrevogável. O meio social era urgente e me chamava para nele imergir.

ÁFRICA DO SUL, 2017

Em meados de março, tudo caminhava conforme o esperado no escritório. Novas demandas, estratégias institucionais, idas constantes a São Paulo e aquelas velhas tarefas diárias que eu já estava acostumada, mas que gradativamente me faziam sucumbir por dentro. Eu não podia negar a projeção que meu trabalho estava ganhando por meio da aquisição de novas contas de grandes clientes e todo o *networking* almejado por qualquer profissional corporativo. A empresa exigia cada dia mais e, ainda

que nada daquilo nutrisse minha alma, entregava o melhor possível, fazendo jus à confiança que em mim havia sido depositada.

Após seis meses de retorno da Tailândia, eu estava sedenta por uma nova imersão que me fizesse encarar o mundo sob outra perspectiva. As semanas pareciam intermináveis e o vício no café só aumentava. Apesar de seguir voluntariando em organizações de imensa relevância social no Rio de Janeiro, a alma clamava por novas diretrizes e pelo mergulho em culturas distintas.

Ainda que existisse um leque de possibilidades onde atuar no período das férias que estavam por vir, um único continente e perfil de projeto chamavam minha atenção. Tudo seria novidade novamente: primeira vez na África, primeira vez trabalhando na causa educacional no exterior. As expectativas para a viagem cresciam à medida que os meses avançavam. A Cidade do Cabo representava, naquele momento, a miragem de um oásis em meio a um deserto inóspito no qual buscava manter-me viva.

Não existe maneira melhor de se aprofundar na cultura de um país, senão por meio do voluntariado. Viajar turisticamente é prazeroso por proporcionar um descanso da rotina, das obrigações e estresses diários. Contudo, visitar pontos turísticos e estar somente em contato momentâneo com os prestadores de serviços desses locais não permite compreender as dores e riquezas genuínas de uma região. E não havia nada que eu almejasse mais do que colocar uma mochila nas costas e imergir na alma de uma nova cultura.

Desembarquei no Aeroporto Internacional da Cidade do Cabo perto da hora do almoço. Um senhor alto aguardava para me levantar à acomodação dos voluntários, que ficava a 40 quilômetros de distância. O trajeto possibilitava observar que a cidade é circundada por montanhas de natureza exuberante e com vista privilegiada para o oceano Atlântico. Há poucos minutos em solo sul-africano, já me sentia encantada por cada

metro quadrado daquele lugar que parecia ter algo mágico no ar, tornando tudo mais leve e colorido.

O carro estacionou em frente a uma grande casa laranja. Novamente, eu estava na companhia da minha imensa mala roxa que trazia muito mais do que iria precisar. Fui recepcionada por dois cães e uma simpática brasileira, que os puxou para dentro, ajudando-me com a mala. Seu nome era Alice, auxiliava na coordenação dos voluntários daquele projeto há cerca de dois meses. Logo, um casal aproximou-se. Eram os fundadores da organização. Há mais de dez anos, Cindy e Daniel realizavam todo o trabalho social junto à comunidade de Masiphumelele e disponibilizavam sua casa para receber voluntários do mundo inteiro, interessados em ajudar.

A acomodação era acolhedora, com uma lareira na sala, diversos quartos, decoração budista e uma enorme varanda com vista para o bairro e para a praia de Noordhoek. Após deixar meus pertences no quarto, Alice e eu sentamos para tomar um café e conversar sobre o cronograma do projeto e todas as informações necessárias à atuação voluntária. Ela era de São Paulo e trabalhava no departamento de recrutamento da Disney, porém, depois de anos na empresa resolveu pedir demissão e aceitar o convite de Cindy para coordenar os voluntários do projeto e, em seguida, atuar na Índia.

Fiquei fascinada por sua coragem e a transformação de vida que estava se proporcionando. Senti meu coração palpitar e um estranho calor tomou conta de mim. Uma brisa fresca vinda da praia adentrou pela casa, sacudindo as cortinas e deixando os cachorros inquietos. Entreolhamos-nos e seguimos conversando.

A Cidade do Cabo é repleta de monumentos que narram importantes momentos da história do país. No dia seguinte à chegada, após uma revigorante noite de sono, tive o dia livre para visitar diferentes regiões da cidade visando entender as

mazelas do passado e do presente. O primeiro local foi o Museu do Distrito Seis, que por meio de fotos, vídeos e documentos explica o regime de segregação racial que a África do Sul viveu de 1948 a 1994.

O apartheid foi oficialmente instaurado na década de 1940, com a chegada do Novo Partido Nacional (NPN) ao poder. Essa medida proibia a população negra de exercer direitos cívicos, como votar, adquirir terras, circular livremente, residir em zonas residenciais comuns, ter relações inter-raciais e utilizar infraestruturas que não fossem exclusivas para negros, tais como: bancos, bebedouros e transportes públicos. A oposição ao regime teve início na década de 1950, quando o Congresso Nacional Africano (CNA) lançou uma desobediência civil manifestando-se contra as leis impostas. Em 1960, o Massacre de Sharpeville, caracterizado pela morte de 67 negros por parte da polícia, provocou protestos mundiais e condenou o CNA como ilegal, enviando seu líder, Nelson Rolihlahla Mandela, à prisão perpétua em 1964.

A opressão branca sul-africana começou a entrar em crise com o fim do império português¹ em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, em 1975, o que intensificou as manifestações populares contra o apartheid e fomentou a presença da ONU tentando coibir as medidas discriminatórias implantadas. Nessa época, houve reformas políticas por parte do presidente Pieter Botha, porém, mantendo os principais aspectos do regime racista. Somente em 1989, com a posse de Frederick de Klerk na presidência, ocorreram mudanças significativas, como a libertação de Mandela no ano seguinte e o CNA recuperando sua legalidade.

2. O fim do império português nos países africanos foi consequência da Revolução dos Cravos (1974), que derrubou o regime salazarista em Portugal, estabelecendo liberdades democráticas com o intuito de promover transformações sociais no país.

Em abril de 1994, Mandela foi eleito presidente da África do Sul nas primeiras eleições multirraciais, tendo o apartheid seu fim. Todavia, o término do regime de segregação racial não representou uma igualdade de oportunidades e unificação no país. A discriminação ainda se faz presente no cotidiano, junto a outras questões consequentes ao fim do apartheid.

A cerca de um quilômetro do Museu do Distrito Seis, encontram-se as simpáticas casas coloridas de Bo-Kaap. O bairro, durante sua formação no século 18, teve, como primeiros ocupantes, pessoas escravizadas, trazidas de diversas partes do continente e do sudeste asiático, pelas colônias holandesas. Durante os anos do apartheid, o bairro era considerado uma zona segregada para negros e estrangeiros. Atualmente, preserva-se uma forte cultura mulçumana e malaia que, após o regime do apartheid, pintou com cores vivas as fachadas das casas para simbolizar a diversidade étnica. Ao caminhar pelas ruas de Bo-Kaap, sentimos o cheiro de especiarias orientais a cada esquina, que são amplamente comercializadas em pequenas vendas.

Assim como o fim do apartheid não aniquilou a discriminação racial no país, o simbolismo das casas coloridas não acabou com a xenofobia existente. Ataques contra imigrantes procedentes da Nigéria, Malawi, Somália, Zimbábue e Moçambique têm sido constantes. Os surtos de violência xenófoba têm na pobreza, no analfabetismo e no alto índice de desemprego um solo fértil para que a população local assuma ideias discriminatórias. Conforme pesquisa do Pew Research Center, 62% dos sul-africanos veem os imigrantes como uma ameaça que rouba empregos e benefícios sociais. A intolerância está longe do fim e o processo ainda há de ser árduo, diante de tantas tensões e de uma situação política econômica em crise.

As 24 horas desde o meu desembarque na Cidade do Cabo

mais pareciam dias, frente a tudo o que estava aprendendo. Percorri a cidade a pé e, no dia seguinte, realizei um passeio de carro pela península. Cada canto da cidade possuía um mar de histórias a serem contadas. O Cabo da Boa Esperança, lugar emblemático durante o período das Grandes Navegações, me fez recordar as aulas de história e sentir toda a energia emanada. Fazia um frio cortante nessa época do ano, eram típicos dias de inverno, mas agraciados pelo Sol que vinha esquentar. Após dois dias reunindo informações sobre o país e entendendo um pouco melhor sua história, não via a hora de iniciar as atividades voluntárias no projeto.

A manhã seguinte acordou gélida. Não passavam das 9 horas da manhã, quando Path, uma mulher robusta e de voz grave, apresentou-se aos voluntários na entrada da comunidade de Masiphumelele. Ela era a gestora dos projetos e a responsável por apresentar o local em uma orientação imersiva. É fundamental, antes do início de uma atuação social, entender a realidade do meio onde se encontra, pois, sem essa consciência, o trabalho terá menos chances de ter impacto verdadeiro e legados duradouros. À medida que caminhávamos pelas ruas, Path explicava a história da comunidade e suas principais mazelas.

Masiphumelele é uma palavra em Xhosa que significa “teremos sucesso”, nomenclatura pertinente ao espírito de resiliência e esperança de seus moradores em tempos melhores. Na década de 1980, um grupo de pessoas iniciou o primeiro assentamento informal na região, todavia, sob as leis do apartheid, foram expulsas e movidas para o município distante de Khayelitsha. Com o fim da segregação racial, na década de 1990, cerca de 8 mil pessoas construíram suas casas e começaram a residir na comunidade. Atualmente são mais de 40 mil moradores, dentre os quais diversos imigrantes africanos e asiáticos que, em decorrência aos ataques xenófobos, buscaram abrigo na região.

Em Masi (como carinhosamente é chamada a comunidade), há somente uma única clínica médica, bem como escola primária, colégio secundário e delegacia de polícia. Além da falta de serviços, do tráfico de drogas, da violência e dos incêndios frequentes, há o maior problema de saúde do país: as taxas de infecção pelo vírus do HIV e da tuberculose chegam a 35% em comunidades como Masi, enquanto, no país, a média é de 19%. Esses números são assombrosos, tendo por consequências as altas taxas de mortalidade devido a um sistema público de saúde sobrecarregado e sem investimento, além das condições insalubres e de miséria que muitas famílias vivem. Caminhar pelas ruas de Masi é compreender a raiz dos problemas sul-africanos e, ao mesmo tempo, a rica e resiliente cultura do país.

Os voluntários do projeto social eram divididos em cinco creches para atuarem na recreação e educação das crianças. Os locais eram as casas de mulheres que se dispunham a cuidar dos filhos dos vizinhos que precisam passar o dia fora, a trabalho. Algumas dessas mulheres disponibilizavam-se por amor, outras pela necessidade financeira. Todas as creches limitavam-se a um ou dois cômodos pequenos e com pouca ventilação. Cerca de 20 crianças passavam o dia em cada um desses locais, distraíndo-se com o que tinham, fossem brinquedos ou pregos enferrujados.

As refeições consistiam, quando muito, em macarrão instantâneo, farinha batida ou biscoitos amarelados. O cheiro de fraldas sujas dava as boas-vindas a quem entrasse nos recintos. Roupinhas não condizentes com o frio do inverno, pés descalços e narizes escorrendo também faziam parte da realidade diária. Definitivamente, não era o cenário ideal para crianças passarem o dia, mas, sem dúvida, era o melhor que aqueles pais podiam oferecer.

A rotina dos voluntários era dividida em três momentos. Por volta das 8 horas da manhã, a van do projeto buscava to-

dos na acomodação e deixava nas creches de Masiphumelele. Na hora do almoço, os voluntários eram recolhidos e levados para almoçar em algum local próximo para, então, no período da tarde, atuarem juntos no Projekt Ubuntu, coordenado pela Path. As atividades eram encerradas por volta das 17 horas, quando os voluntários retornavam para a acomodação e tinham o resto do dia livre. Visto que eu não teria muitas semanas de atuação, em vez de ser alojada em uma única creche, optei por conhecer todas para entender um pouco mais sobre aquela realidade.

Algumas crianças eram portadoras de HIV, outras tinham histórico de violência em casa. Havia as que passavam fome, outras que tinham sido abandonadas pelos pais. Todavia, unanimemente, eram afetuosas e disputavam a atenção de cada voluntário que adentrava nas creches. *Como pode, seres que tanto sofreram, oferecerem um amor tão puro a quem mal conhecem?* – era o que me perguntava todos os dias. As crianças tinham uma carência afetiva imensa e os voluntários, uma vontade de doar amor imensurável. Era a combinação perfeita.

O Projekt Ubuntu consistia em um local seguro para as crianças frequentarem após a escola, evitando estarem vulneráveis nas ruas ou sozinhas em casa. O espaço era amplo, equipado com brinquedos e instrumentos musicais. Jogar bola, tocar tambor e fazer desenhos eram as atividades prediletas da turminha. Antes de irem embora, recebiam uma refeição proveniente das doações recebidas e preparada com carinho por Path.

Logo no primeiro dia, uma menina com não mais de três anos chamou a minha atenção. Enquanto as demais crianças brincavam, ela permanecia sentada num banco com lágrimas nos olhos, sem esboçar nenhuma reação. Aproximei-me e, carinhosamente, passei a mão em seu cabelo. Ela me olhou desconfortavelmente e sentou-se mais distante. Estranhei sua postura, mas não insisti. Respeitei não querer minha companhia e fiquei

a observá-la de longe. No dia seguinte, tentei uma nova aproximação mostrando um livro infantil. Ela prestava a atenção em minhas palavras e nas figuras das páginas, mas permanecia com um olhar desconfiado, mantendo um muro invisível entre nós.

Os dias seguiram e, a cada nova tentativa de integrá-la aos demais, buscava ganhar a sua confiança. Em uma das últimas tardes no local, ela estava sentada no chão, com o livro que havíamos folheado antes. Ao me ver, levantou-se rapidamente e veio em minha direção, guiando-me para o banco em que costumava ficar. Indicou que eu me sentasse, entregando-me o livro em mãos. Obedeci. Ela subiu no banco e sentou em meu colo, pedindo que lesse para ela. Fiquei emocionada com a confiança que, finalmente, depositava em mim, após dias de aproximação tênue. Beije-i-a na cabeça e passamos o resto da tarde imersas na história do livro. Ao nos ver, Path sorriu juntando as mãos. Antes de partir naquele dia, veio até mim e comentou:

— A Missy, assim como muitas crianças daqui, sofria abuso sexual do pai. Ela, então, teve a guarda retirada e passou a morar com a avó. Porém, ainda tem medo das pessoas, afinal se o próprio pai a violentava, como pode confiar nos demais? Reparei em vocês ao longo das semanas e não imagina o quanto fiquei contente ao perceber que, aos poucos, ela está voltando a permitir que o mundo aproxime-se dela.

Começaram, então, a serem situações como aquela que me faziam querer imergir cada dia mais no universo voluntário.

Além das creches e do Projekt Ubuntu, Cindy e Daniel apoiavam uma cozinha comunitária em Masi destinada a fornecer almoço a idosos, desempregados e pessoas doentes. O local sobrevivia de doações e tinha Mamma Pink como cozinheira voluntária, consistindo em um único cômodo com um fogão industrial de duas bocas, uma bancada comprida e uma despensa para os alimentos. As pessoas assistidas traziam seus potes pela

manhã e, na hora do almoço, buscavam-no, com alimento. Havia dias em que frango e legumes eram cozidos, porém, geralmente era fornecido somente o Pap (ou Ugali), uma mistura de farinha de milho com água e sal.

Mais de 50 pessoas dependiam daquela cozinha, muitas das quais tinham a refeição doada como a única do dia. Senti uma profunda afeição por Mamma Pink nas poucas vezes em que, até então, estivemos juntas. Ela preparava os alimentos com um ingrediente especial, mesmo que com a despensa constantemente vazia: o amor ao próximo. Na época, eu não tinha ideia, mas os nossos caminhos se cruzariam novamente.

O Kruger Park é a maior área protegida de fauna selvagem da África do Sul e o principal safári do país, todavia, eu não teria tempo para conhecê-lo, por ser distante da Cidade do Cabo. Mas, para não perder a oportunidade de estar frente a frente com alguns dos *Big 5*², resolvi aventurar-me pela província de Oudtshoorn, também conhecida como a capital dos avestruzes. Era sábado, quando o guia me buscou na casa de Cindy, pouco antes do Sol nascer. O nome dele era Matthew, um sul-africano de descendência holandesa, que há mais de duas décadas dedicava-se a guiar turistas pelas rotas encantadoras do país.

Conversamos como velhos amigos, durante o trajeto de 420 quilômetros até o destino final. Em meio às informações históricas sobre regiões importantes que cruzávamos, Matthew contava sobre os desafios de ser um guia de viagens concomitante à criação de seus cinco filhos. Eu, por minha vez, o enchia de perguntas sobre a África do Sul e falava sobre as minhas experiências voluntárias.

O caminho era rodeado de grandes montanhas, flores de todas as espécies e animais que, eventualmente, atravessavam a

2 Denominação dos cinco mamíferos selvagens de grande porte mais difíceis de serem caçados pelo homem: leão, elefante, búfalo, leopardo e rinoceronte.

estrada. Compartilhávamos situações vividas como se nos conhecessemos há anos, uma conexão que nunca antes sentira com alguém.

Naquele dia, tive a oportunidade de caminhar ao lado de elefantes, como fazia na Tailândia. Apesar das diferenças físicas, os animais demonstravam a mesma sensibilidade que tanto me encantava. Pude também entender sobre a vida curiosa dos avestruzes e admirar hipopótamos sob o pôr do sol africano. Momentos indescritíveis de paz que só o contato com a natureza proporciona.

Anoiteceu, Matthew e eu resolvemos tomar uma cerveja, próximos a uma lareira, no hostel em que estávamos. Aos poucos, demais visitantes juntaram-se a nós para conversar sobre a vida selvagem dos animais nas savanas e a dos executivos de sucesso das grandes metrópoles. É incrível como o ser humano e suas sociedades tanto se assemelham, mesmo em culturas e histórias distintas.

O papo fluía tão interessante que não reparei quando minha bota começou a derreter diante da proximidade com o fogo. Pouco estava me importando com o frio ou qualquer pensamento que varresse minha mente, o foco estava 100% naquele momento e em toda troca proporcionada.

No domingo, encontrei Matthew no café da manhã e partimos para o segundo dia de safári. Em um carro 4x4, adentramos na reserva na tentativa de avistarmos os animais. Girafas, zebras, gnus, veados, macacos e leões fizeram parte de nosso passeio. Eles, livres na savana e nós, visitantes, dentro do carro, sem interferirmos na mãe natureza. Retornamos para a Cidade do Cabo ao cair da tarde. Em menos de 48 horas, Matthew havia tornado-se um amigo para a vida inteira, aquele com quem minha alma estaria sempre conectada. Surpresas da vida, união de propósitos e sintonias que faziam cada dia valer a pena.

Os demais voluntários da Yoga Shala (como Cindy denominava sua acomodação, cujo significado é “morada da yoga” em sânscrito) eram de países diversos e viviam em constantes chegadas e partidas. Partilhar a rotina com pessoas de nacionalidades distintas era agregador. Há quem tenha dificuldades em lidar com outros hábitos culturais, especialmente, quando se faz necessário dividir quarto, banheiro e o dia a dia das atividades. Eu parto do princípio que, por meio de uma boa comunicação e atitude empática, todos saem ganhando com essa troca.

Na Yoga Shala, assim como em grande parte das residências sul-africanas, o uso da água precisava ser comedido. Em 2018, o país enfrentou a pior crise hídrica dos últimos cem anos, segundo o governo, em decorrência da seca intensa de 2015 a 2017. A consequência dessa conjuntura climática foram os reservatórios de água estarem com os níveis baixíssimos, beirando a necessidade de cortar o abastecimento da cidade, o chamado Dia Zero.

Todavia, estratégias foram assumidas para evitar essa medida drástica, como a diversificação das fontes de abastecimento hídrico por meio da dessalinização, recuperação da água de esgotos e perfuração de poços em aquíferos. Por mais que a situação tenha sido contornada com a redução do consumo em mais de 50%, a reserva hídrica ainda se faz necessária. Na Yoga Shala, os banhos não podiam ultrapassar cinco minutos. A água utilizada no chuveiro era reservada em baldes para ser usada na descarga sanitária ou em outras formas de reutilização. Lavar a louça e escovar os dentes deveria ser feito também com o mínimo de desperdício. Essas eram algumas das regras de ouro que todos respeitavam e entendiam a real importância. Após deixar a África do Sul, muitos voluntários e eu incorporamos tais hábitos em nossas rotinas, como um legado transmitido pelo projeto. Esses ensinamentos valiosos que o meio social tem o poder de

difundir evidenciam a força do âmbito voluntário na construção de um mundo melhor.

Cada creche assistida pelo projeto tinha as suas particularidades, ora pelas crianças, ora pelas cuidadoras. A alimentação pouco nutritiva era, porém, unânime, assim como o número excedente de crianças por local. Algumas cuidadoras tinham posturas carinhosas, outras demonstravam impaciência. Comportamentos adversos eram fruto do estresse diário e da falta de estrutura, mas também uma consequência dos aspectos culturais. Juízos de valor não eram pertinentes. Primeiramente, era necessário compreender aquela realidade para, então, questionar sem julgamento. Obviamente isso não se aplicava as formas de violência física ou verbal direcionadas às crianças, pois agressões não se caracterizam como quesitos culturais, mas sim violação dos direitos humanos. Entretanto, diversos voluntários não compreendiam que existem maneiras diversas de criação e deixavam-se afetar por essas posturas, demandando que Cindy esclarecesse as disparidades culturais e aproveitasse para conversar com as cuidadoras sobre comunicação não-violenta.

Por vezes, eu tinha o hábito de sentar num canto e ficar observando o comportamento das crianças. Era impressionante como suas linguagens corporais refletiam os seus contextos familiares. Algumas eram mais agressivas, buscavam resolver tudo por meio de socos e pontapés. Outras tinham descoberto o choro como estratégia de negociação. Havia as crianças agregadoras, que solucionavam os conflitos das demais, e aquelas que pareciam aéreas, distantes, numa realidade paralela. Cada qual deveria ser tratada de forma distinta, pois respondiam aos estímulos de maneiras particulares. Todavia, os voluntários não eram instruídos previamente para compreender isso. *Se um dia eu vier a ter minha própria organização, capacitar os envolvidos será a primeira etapa e uma das mais importantes —*

era o que costumava pensar, quando via posturas desalinhadas com a realidade social.

Os últimos dias na Cidade do Cabo aproximavam-se e, devido às condições climáticas, eu não teria oportunidade de visitar o cartão-postal da cidade, a famosa cadeia montanhosa Table Mountain, e nem a ilha onde Mandela ficou exilado por tantos anos, a Robben Island. Entretanto, isso não me aborrecia, pois havia uma certeza inexplicável de que, em breve, retornaria a esse país que havia cativado minha alma.

Poucas horas antes de embarcar para o Brasil, resolvi dar uma cavalgada pela praia de Noordhoek, que tanto observava da Yoga Shala. Sobre um cavalo manso e em meio a uma natureza deslumbrante, apreciei meu último pôr do sol no país. Eu só tinha a agradecer por aquela segunda experiência voluntária internacional que tanto tinha me ensinado.

O vento soprava suave e o mar parecia um lago, de tão sereno. Para minha surpresa, uma baleia surgiu no horizonte, mostrando sua imensa barbatana. É comum a presença desses mamíferos entre junho e novembro, porém, eu jamais imaginaria ver uma num momento de tanta gratidão. O Sol se pôs, a baleia imergiu no oceano e eu rumei ao aeroporto, após despedir-me saudosamente de Cindy e Daniel.

Desembarquei no Aeroporto Internacional do Galeão diretamente para o escritório. Era o primeiro dia de retorno das férias e incontáveis e-mails e reuniões me aguardavam. Ao ligar o computador tive um *déjà vu*, recordando a mesma sensação de quando voltara da Tailândia. Já não via com a mesma relevância as atividades que executava na empresa, tudo parecia superficial e com o propósito de unicamente fortalecer um sistema que gera lucro àqueles cujas condições financeiras poderiam alimentar Masiphumelele inteira, mas que, provavelmente, jamais o fariam.

Os números, então, começaram a me causar incômodo.

Como eu poderia ofertar uma campanha de marketing com seis dígitos de custo e afirmar que seria o melhor investimento daquele cliente, se, por dentro, meu desejo era dizer a ele que poderia utilizar com mais sabedoria aquela quantia fazendo a diferença na vida de muitas pessoas? Como eu seguiria me dedicando à empresa e vendo gastos supérfluos sabendo que, com cada centavo desperdiçado, transformações sociais poderiam ocorrer? A ruptura interna, serena e irrevogável, experimentada ao retornar da Tailândia, agora transformava-se em um imenso conflito interno que me faria repensar veementemente o rumo da vida.

Concomitante a isso, lutava diariamente para não julgar as questões que causavam aborrecimento às pessoas. Cada qual possui vivências distintas e necessidades particulares, ignorar isso hierarquizando dores que latejam em peitos diferentes é negar o ensinamento mais precioso do universo social: a empatia.

Todavia, por vezes, falhava e acabava irritando-me com reclamações referentes ao preço do novo *iPhone*, de uma dupla promoção não obtida no trabalho ou da vida privilegiada que muitas pessoas não têm consciência de possuir. Somos moldados de acordo com as experiências vividas, não é coerente cobrarmos dos outros que ajam com posturas que julgamos corretas diante de situações que não experienciaram. Eu estava profundamente transformada, mas não podia exigir de ninguém a mesma mudança comportamental.

Logo, seis semanas haviam passado desde o retorno da África do Sul. Começara a ver o mundo sob outra perspectiva, com cores mais vibrantes e certa de que minha vida voluntária estava apenas no início. A rotina corporativa seguia intensa e eu não podia dar-me ao luxo de abrir mão daquele ganha-pão, pois, assim como a maioria dos brasileiros, tinha boletos a pagar. O conflito interno pulsava no peito, mas, curiosamente, eu não queria deixar de senti-lo. Esse incômodo era o meu casulo aper-

tado, aquilo que me impulsionaria para o grande voo.

METAMORFOSE, 2018

O processo metamórfico de uma borboleta é composto por quatro etapas: o ovo, a larva, a pupa e o estágio adulto. Todos possuem suma importância nesta transformação, porém, apesar de belos, exigem uma boa dose de paciência. O período em que a lagarta encontra-se envolta na crisálida ou, por vezes, no casulo, é o de maior desenvolvimento de sua estrutura, com a formação das asas. Eu sentia-me exatamente nessa etapa da vida, construindo a base para romper a casca e voar. Por mais que não soubesse como, nem quando, bateria as asas rumo a uma nova fase, buscava preparar-me para tal, com o aprimoramento do domínio de novos idiomas, fortalecimento mental e corpóreo e constantes leituras engrandecedoras.

Quanto mais eu me capacitava, mais o universo caminhava em minha direção, com aquilo que tanto sonhava. A cada gota de suor derramada, uma nova ponte era arquitetada. A cada conteúdo estudado, pessoas inspiradoras e ideias inovadoras chegavam-se. Quanto mais focada eu estivesse, mais próximo esse momento parecia estar. Eu não tinha vaga ideia do destino ao qual tudo isso me levaria, mas estava certa de que cada passo atraía a mudança almejada.

Uma banda de rock de que sou fã iria apresentar-se em Porto Alegre nessa época. Apesar do elevado custo das passagens e do pequeno recurso financeiro que tinha, consegui bilhetes aéreos mais acessíveis, num horário alternativo. Visto que chegaria horas antes do show, aproveitei para tomar um café com os fundadores da agência de voluntariado que havia feito a ponte entre o projeto da Cidade do Cabo e eu.

Foram mais de três horas conversando sobre o universo

social e todas as transformações proporcionadas. Em um determinado momento, percebi que meu café havia esfriado, como costumava acontecer na livraria do Centro, mas, dessa vez, por estar imersa em uma conversa engrandecedora. Algo significativo mudou naquela tarde. Quando estava a caminho da cafeteria, o tempo encontrava-se chuvoso e cinzento; ao sair, o Sol iluminava as ruas e refletia o arco-íris em cada poça d'água pelo caminho.

No dia seguinte ao show, embarquei no voo com destino ao Rio de Janeiro. Todavia, antes de decolar, a aeronave apresentou um problema nos freios e todos os passageiros precisaram retornar à sala de embarque, aguardando a manutenção técnica ser efetuada. Meu celular estava sem bateria e todas as tomadas do saguão, ocupadas. Havia, próximo a mim, um grupo de pessoas injuriadas com o problema técnico, exigindo serem colocadas em outros voos e sacudindo seus cartões de embarque no rosto dos atendentes da companhia aérea, como se isso fosse resolver o problema.

Preferi poupar minha energia, sentando-me num canto do saguão e transpondo para o papel os pensamentos que borbulhavam na minha cabeça desde a conversa do dia anterior. Cinco horas se passaram até o avião estar apto a voar, e sem que me desse conta, tinha escrito mais de dez páginas.

Quando a aeronave finalmente decolou, num pôr do sol alaranjado e exuberante, eu havia tomado uma importante decisão: abandonaria o mundo corporativo, assim que possível, e buscaria me inserir no universo voluntário permanentemente. Como eu faria isso, ainda não sabia, mas o objetivo estava traçado.

Os meses seguintes resumiram-se ao planejamento. Peter Drucker, escritor austríaco, considerado o pai da administração moderna, diz: *“o planejamento a longo prazo não lida com decisões futuras, mas com o futuro de decisões presentes”*. O ano de

2017 chegava ao fim e, finalmente, eu assumia o cargo de arquiteta do meu futuro. Eu não precisaria elocubrar como seria o próximo ano, pois eu mesma o desenharia. Segui aprimorando meu inglês, lendo artigos e livros sobre trabalhos sociais, conversando com pessoas do meio, organizando minhas finanças e engajando-me em absolutamente tudo que se relacionava ao assunto. Meditação e atividades cardiovasculares também entraram no planejamento diário: eu precisava estar forte em termos mentais, físicos e psicológicos para a grande mudança.

Era um pouco antes das 9 horas da manhã, quando cheguei ao cruzamento da Avenida Rio Branco com a Avenida Presidente Vargas. Trajando uma roupa social e com um café na mão, olhava inquieta para o semáforo que teimava em não abrir, quando meu celular sinalizou a chegada de uma nova mensagem. Eu não costumava averiguá-lo na rua, mas, por alguma razão, resolvi pegá-lo. Era Alice, a coordenadora de voluntários da Cidade do Cabo, perguntando se eu teria interesse em auxiliar Cindy no projeto social durante o período de alta temporada, pois ela tinha lhe pedido indicação de alguém que pudesse assumir o cargo.

O semáforo abriu, eu permaneci imóvel, mesmo com centenas de pessoas apressadas esbarrando em mim. Para muitos, essa mensagem poderia significar apenas um convite despretenso, contudo, para mim, era a oportunidade que tanto aguardava. A primeira faísca da metamorfose. Respondi a mensagem ali mesmo, confirmando minha disponibilidade para o próximo ano. Segui em direção ao trabalho, mas, naquele dia, não consegui pensar em outra coisa senão no que estava por vir. Ao final da tarde, recebi um e-mail de Cindy agradecendo o meu aceite e solicitando a documentação necessária para me receber. Eu estava incrédula com tudo aquilo. Ao acordar naquela manhã, pensava que encararia a rotina tradicional de uma típica terça-feira; ao deitar-me à noite, minha vida havia tomado um rumo comple-

tamente diferente.

Você é louca! – foi o que mais ouvi das pessoas, quando contei sobre a decisão de pedir demissão para passar alguns meses auxiliando Cindy no projeto social e seguir pelo mundo numa viagem voluntária. Em tempos de crise econômica, largar um emprego estável, com grande projeção de crescimento, para não mais ter um salário e viver com o mínimo necessário, racionalmente, era mesmo uma loucura. Mas minha decisão não estava pautada na carreira profissional, nem na independência financeira. A escolha transcendia o modelo capitalista de se viver, arrebatando a linha da estabilidade falsamente projetada. Esse sonho encontrava-se na intercessão de servir o mundo, imergir em diferentes culturas e na busca de um propósito de vida, talvez perdido entre um aumento salarial e outro.

No início, a chuva de críticas causava-me irritação, pois não contava com a falta de apoio das pessoas nessa decisão tão significativa e sonhada. Todavia, com o tempo, fui percebendo que as críticas eram fruto de uma mera preocupação e zelo compreensível. Desse modo, deixei de respondê-las com grosseria, passando a esclarecer pacientemente as razões da decisão tomada e todo o planejamento traçado para evitar riscos excedentes.

Ser taxada de louca, na realidade, significava estar rompendo um modo de vida tradicional, abandonando uma zona de conforto e me permitindo algo que poucos teriam coragem e oportunidade de fazer. Passei a encarar, então, como um elogio e as críticas ganharam outro ponto de vista. Eu estava em paz, como nunca antes havia estado; minha missão estava em contagem regressiva para começar. O momento me fazia pensar no aforismo de Friedrich Nietzsche: *“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”*.

O ano de 2018 chegou em meio a centenas de fogos de artifício, explodindo no céu. O único pensamento que me vinha a mente era que os meses seguintes seriam divisores de água na minha vida. No primeiro dia útil do ano, não perdi tempo, e reservei a manhã para enviar os e-mails que dariam início ao cronograma da viagem.

Selecionei duas empresas que me auxiliariam neste processo e escrevi cada linha com afincio, descrevendo meus objetivos e perfis de projetos desejados para atuar em cada país. Reli algumas vezes antes do envio, incrédula no que estava fazendo, mas certa de cada palavra escrita. O telefone tocou, era meu diretor solicitando um planejamento anual das estratégias de marketing elaboradas para os clientes que estavam sob minha responsabilidade, prontifiquei-me a encaminhar o mais breve possível, feliz em saber que não mais as executaria.

Os seis meses seguintes foram dedicados a comunicar minha demissão e encerrar as atividades no escritório, com empenho. Era o fim de um ciclo, após quase 10 anos no meio corporativo. Nas horas livres, me dedicava a criar planilhas com os detalhamentos financeiros e estudava sobre os aspectos socioculturais dos países que atuaria. Havia selecionado os continentes africano e asiático como ponto de partida, pois há tempos era fascinada por suas histórias e tantos ensinamentos milenares.

Foram 180 dias debruçada sobre o mapa-múndi e em pesquisas para tornar aquela decisão o menos arriscada possível. Embora eu estivesse me despedindo do mundo empresarial, por nele não me encaixar, toda aquela transformação somente estava sendo possível graças às reservas financeiras conquistadas e à capacitação obtida. Foram anos de trabalho árduo e, naquele momento, constatava o quanto cada dia tinha sido relevante para estar apta a encarar o desafio voluntário.

Eu poderia comprar somente uma passagem de ida,

estruturando a logística da viagem durante o percurso. Entretanto, o planejamento de todas as vertentes era o que trazia tranquilidade ao meu coração. Imprevistos certamente aconteceriam, porém, quanto mais eu imergia em cada detalhe da realização daquele sonho, mais clareza e segurança ele apresentava.

Selecionar os projetos sociais e países de atuação não foi tarefa fácil, pois as possibilidades eram diversas e as mazelas globais incontáveis. Pautei, então, os critérios de seleção na segurança oferecida pelo país, nos custos de vida, aspectos culturais e, principalmente, na necessidade de atuação voluntária frente à questão social identificada como foco de trabalho. Abrir o mapa e ter a oportunidade de eleger onde viveria pelos próximos meses em prol de causas humanitárias trazia uma sensação de autonomia nunca antes sentida e a consciência dos privilégios imbuídos nisso. Eu era dona de mim, dos meus passos, dos caminhos que a minha vida estava trilhando. E, livre como uma borboleta, logo alçaria voo.

O aguardado dia 10 de julho, enfim, chegou. Embarquei rumo a missão, com duas malas imensas e minha família dizendo adeus, como se fosse pela última vez. Confesso que duvidei se os veria novamente e aquilo me assustou absurdamente. Eram muitos meses fora e nenhuma certeza de que a vida não os levaria ou que eu sobreviveria aos riscos que poderia correr ao longo do percurso. O medo era parte do sonho, cabia a mim encará-lo ou desistir de tudo. Despedi-me com lágrimas nos olhos e deixando dez cartas para a minha mãe, que chegariam até ela de formas distintas. Essa havia sido a estratégia para fazer-me presente durante toda a ausência física e na certeza de que, caso algo viesse a me acontecer, ela teria dez razões para crer que eu tinha sido feliz, indo em busca dos meus sonhos.

“Pior que não terminar uma viagem é nunca partir.”
Amyr Klink

EMBARQUE COMIGO PARA OS DESTINOS ABAIXO
A AVENTURA ESTÁ APENAS COMEÇANDO....

África do Sul

Tanzânia

Quênia

Jordânia

Índia

Nepal

Sri Lanka

Vietnã

Indonésia

